33º Encontro Nacional da anpap
VIDAS



JOSÉ LIMA E A GRAVURA ARTÍSTICA: NATUREZA PLURAL DE SUAS OBRAS, SENTIDOS EM MOVIMENTO

JOSÉ LIMA AND ARTISTIC PRINTMAKING: PLURAL NATURE OF HIS WORKS, SENSES IN MOTION

Maria Luisa Tavora
PPGAV/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO
José Lima (1934-1992), pernambucano, faz parte da geração de artistas-gravadores cuja atuação, a partir da década de 1950, protagonizou a “ativação da gravura” no eixo Rio-São Paulo. Muitas razões dão sentidos a seu trânsito por diferentes processos imaginativos, detendo- se inicialmente no caráter objetivo e verificável da imagem criada com a geometria, cedendo lugar, em seguida, à formas cambiantes de uma estruturação intuitiva, adentrando ainda em soluções de singular figuração. Estimulado pela formação recebida nos ateliês, orientados por Ivan Serpa (pintura), Goeldi, Dasilva, Friedlaender, Edith Behring, entre outros, José Lima construiu trajetória ambiciosa, conferindo-lhe uma vitalidade experimental, crente na potencialidade da gravura e no exercício da liberdade de afirmá-la como meio expressivo relevante, visualidade de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE
Ativação da gravura. Experimentação. Abstracionismos. Nova figuração. José Lima.

ABSTRACT
José Lima (1934-1992), from Pernambuco, was part of the generation of engraving artists whose work, from the 1950s onwards, gave rise to the "activation of engraving" in Rio-São Paulo axis. Many reasons give meaning to its transit through different imaginative processes, initially having the objective and verifiable character of the image created with geometry, then giving way to the changing forms of an intuitive structuring, even entering into solutions of singular figuration. Stimulated by the training received in the studios, guided by Ivan Serpa (painting), Goeldi, Dasilva, Friedlaender, Edith Behring, among others, José Lima built an ambitious trajectory, giving him an experimental vitality, believing in the potential of engraving and the exercise of freedom to assert as a relevant expressive means, visuality of its time.

KEYWORDS
Activation of printmaking. Experimentation. Abstractionism. A new figuration. José Lima.



"[...] os caminhos do artista podem ser tão variados como as faces com que se chega a uma verdade."
José Lima, dez 1968

José Ferreira Lima (1934-1992) nasceu em Recife. Tendo ficado órfão com apenas dois anos, foi trazido para o Rio de Janeiro, a fim de ser criado por uma tia. Fixou-se nesta cidade até a sua morte. Descobriu que gostava de desenhar no curso ginasial, quando frequentou com interesse as aulas de desenho artístico em horário extra classe. A professora deste curso, com uma técnica de ensino sedutora, amassava papel e fazia com que os alunos desenhassem as sombras de papel amassado, método que fugia ao tratamento convencional dado a tal estudo.

Com pouco mais de doze anos, José Lima já trabalhava para ajudar a tia que o criava desde os quatro anos. Trabalhava na Revista Antenna, voltada para o rádio, e pela boa qualidade de sua escrita, veio a colaborar na área de produção. Por sua vez, o desenho tinha se tornado um problema para José Lima, uma vez que sofria resistência de seus familiares, precisando desenhar escondido. As pilhas de desenho que fazia, guardava-as debaixo do colchão para não serem jogadas fora pela tia. Sua aproximação com a gravura deu-se em 1955, segundo seu relato :

> Um dia, fui ver a aula na antiga Belas Artes, na Araújo Porto Alegre. Fui ver a aula de Goeldi, lá em cima no quarto andar. Vi, pela primeira vez uma gravura em madeira. [...] e acompanhei um rapaz tirando cópia da gravura e descobri que era aquilo que eu queria fazer. Eu queria fazer gravura em madeira.[...] por coincidência, no dia seguinte abriram um curso de gravura no Liceu de Artes e Ofícios. Gravura para mim era gravura em madeira. Eu nem sabia que existia gravura em metal. Me inscrevi no curso de gravura do Liceu e ao mesmo tempo no curso de desenho porque eu precisava desenhar. Quando desci para a primeira aula, vi que era gravura em metal. Eu não queria gravura em metal [...] Já que eu estava inscrito, fiquei e a paixão passou para a gravura em metal. [1]

A partir de então, José Lima experimentou os dois caminhos, o da xilogravura e o da gravura em metal, mantendo uma atividade intensa, recebendo prêmios

e participando dos eventos mais importantes da área. [2] No Liceu, permaneceu até 1958 sob a orientação de Orlando Dasilva, de quem recebeu toda a formação técnica. Orlando não interferia na parte estética do trabalho. Paralelamente ao curso de gravura, José Lima entrou para o Museu de Arte Moderna, onde foi fazer pintura com Ivan Serpa, que não sabia nada sobre o seu lado de gravador. Para José Lima, o encontro com Ivan Serpa foi muito positivo para sua formação, um orientador muito criterioso na avaliação estética de seu trabalho. Todavia fazia restrições ao mestre, explicando-se: "[...] o Ivan tinha um problema, ele levava os alunos a fazerem o que ele gostava e só havia duas coisas que ele gostava na época: o concretismo e o primitivismo." (LIMA, 1996, p.42)

Sob a influência de Ivan Serpa, José Lima experimentou a via concretista da arte, apresentando em 1958, em exposições, trabalhos que respondiam ao interesse deste movimento de tratar as formas e cores enquanto veículos de uma dinâmica visual. Ivan Serpa, ao ter contato com gravuras de José Lima, aconselhou-o a abandonar a pintura, realizando seus trabalhos neste meio, onde a seu ver, ele se saía melhor. Em torno de Ivan Serpa agruparam-se vários artistas, criando em 1953, o Grupo Frente, do qual José Lima diz ter participado, embora seu nome não seja encontrado na documentação referente às exposições e críticas sobre a produção deste grupo.(LIMA, 1996, p.133-135)

José Lima integrou as propostas do concretismo à sua gravura. O tratamento emprestado às cores e às formas geométricas dava-se na variação segundo um método matemático, tornando-os fatos perceptivos sem transcendência. Com a forma seriada de triângulos e quadrados, traçados à régua, cria um dinamismo a partir do tratamento objetivo emprestado aos elementos. O preto e o branco da xilogravura agem no campo visual dinamizando as áreas, criando ações e reações entre si. (Imagem 1).

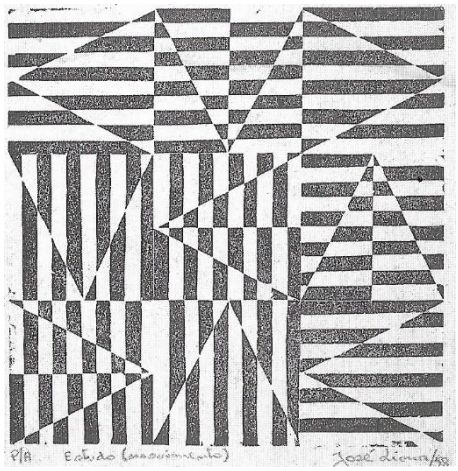


Imagem 1- Estudo (Movimento), 1958, José Lima, Xilogravura em preto e branco, 15x14,5cm. Coleção Mônica e George Kornis. Foto: Antonio Caetano. Catálogo Mostra Rio Gravura, Espaço dos Correios. Rio de Janeiro, set/out. 1999, p.21.

Sua obra, desta fase, enquadra-se no ideário proposto no Manifesto Ruptura, em 1952, por Waldemar Cordeiro, líder do grupo concretista paulista, quando este afirma: "Conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para o seu juízo conhecimento prévio. [3]

Na ânsia de partir de princípios claros para a composição, os artistas concretistas brasileiros passaram a se concentrar na exploração de mecanismos perceptivos. Podemos observar na gravura de José Lima,(Imagem 1) a criação nos efeitos visuais de movimentos virtuais. O efeito obtido oscila entre uma perturbadora sensação ótica e uma intensidade de percepção. Há uma espécie de redução fenomenológica aos dados puros da percepção. José Lima afirmava que ingressara nas experiências concretistas mas "sem convicção."

Ainda no Museu de Arte Moderna do Rio, José Lima, como bolsista, frequentou seu Ateliê Livre de Gravura, desde o curso inaugural do gravador franco-alemão Friedlaender, em 1959, permanecendo em seguida neste núcleo de ensino sob a orientação de Edith Behring e Rossini Perez. Neste ano, seu interesse pelas



questões concretistas diminuíra. Sua fase concretista concentrara-se entre 1957 e 1958. José Lima explica as razões de seu afastamento:

> Na época do geometrismo eu não tinha que raciocinar nada. Eu pegava uma régua e começava a fazer cálculos e então colocava a forma sobre aquela medida exata e ia transformando, mas aí era uma negócio muito frio para mim.[...] Eu estou falando frio porque é um negócio que não te dá emoção, é puramente matemático.[...] Se as linhas não saiam retinhas, Ivan Serpa reclamava, ele media. (LIMA, 1996, p.134)

O afastamento de Ivan Serpa para gozar o Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1957, concorreu para as mudanças que José Lima imprimiria em sua gravura. Referindo-se ao fato de fazer algo que não o satisfazia o artista comentou: “Antigamente eu fazia, pois existia uma cabeça que funcionava no lugar da minha, a do Ivan Serpa, que era exigente.” (LIMA, 1996, p.134)

Por outro lado, o curso de gravura em metal oferecido pelo ateliê do MAM-Rio, por ele frequentado, correspondia institucionalmente ao anseio de definir para a gravura o *status* de meio moderno de expressão, o que reformulava o conceito de artista-gravador. Tal posicionamento justificou o convite para o curso inaugural, a Johnny Friedlaender (1912-1992) que, no Ateliê de l’Ermitage, em Paris, atraia aprendizes de várias partes do mundo, interessados por sua metodologia segundo a qual, seria preciso “estimular o gosto pela pesquisa, liberando a aluno de encontrar o que já existe”. (FRIEDLAENDER, 1950) Com um método de investigações vivas, a orientação de Edith Behring, que fora aluna de Friedlaender, em Paris, seguiu este entendimento, por dez anos em que coordenou esse núcleo de ensino. Deu curso, entre nós, às experiências que reativaram a gravura em metal, sua natureza e seus fins. Os rumos da gravura em metal mudaram a partir da gravura ensinada no ateliê do MAM/Rio.

O novo caminho buscado por José Lima resultou das experimentações com as matrizes de metal da fase concretista. Solucionou o impasse da frieza a que chegara com sua gravura, numa transição singular, aproveitando estas matrizes,



deu-lhes um outro destino, disse ele [...] transformei-as em abstratas." (LIMA, 1996, p.133)

O caráter experimental marcou a produção dos frequentadores desse ateliê do MAM/Rio. A abordagem da matéria como possibilidade expressiva colocava em discussão os fins da matriz-suporte, que se vê ampliada em suas funções: seu recorte, sua fragmentação em "matrizes-formas", assim como a ação do ácido para além dos tempos tradicionais de seu uso. Uma aventura pessoal de seus frequentadores, visão legada pelas vanguardas modernas.

José Lima, ao transformar suas obras em imagens"abstratas", adentrava na chamada abstração "informal". Nela, o acaso é um elemento que pode ser considerado no desenvolvimento do trabalho. A intuição comanda a estruturação das formas, num processo subjetivo que libera em grande escala a emoção. O artista deslocava-se para outro processo imaginativo para sua gravura.

O artista-aluno destacara-se no Liceu de Artes e Ofícios, no período de sua formação, tendo recebido desta Instituição, Menção Honrosa, em 1955; Medalha de Bronze, em 1956 e Medalha de Prata, em 1957, período em que fizera muitas ilustrações de poesias, trabalhos que não tornou público, só os mostrava para o mestre Orlando Dasilva. Pouco tempo depois, tinha sua gravura incluída na 1ª Exposição Coletiva de Artistas Brasileiros na Europa, mostra itinerante e que percorreu de 15 de setembro de 1959 a 28 de outubro de 1960 seis países: Suíça, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Inglaterra e Portugal.[4] Exposições que tiveram curadoria do historiador e crítico de arte Carlos Flexa Ribeiro, do crítico Jayme Mauricio e do embaixador Wladimir Murtinho. Mostras significativas, compostas por sessenta e três artistas entre modernos e contemporâneos, tais como: Alfredo Volpi, Bruno Giorgi, Cândido Portinari, Cícero Dias, Ivan Serpa, Lygia Clark , Lygia Pape, Weissmann, Manabu Mabe. No grupo dos artistas-gravadores, Oswaldo Goeldi, Lívio Abramo, Edith Behring, Fayga Ostrower, Rossini Perez, Marcello Grassmann, Anna Letycia, entre outros. Em quatro anos de atividade com a gravura, José Lima conquistara lugar de relevância no campo artístico de então.

Em uma nova fase, nos anos 60, o fundamento de sua obra abandona o campo das articulações puramente perceptivas. Embora ainda uma "abstração organizada", conforme expressão do gravador, a estruturação intuitiva libera os gestos do artista do comando da régua concretista.(Figura 2)

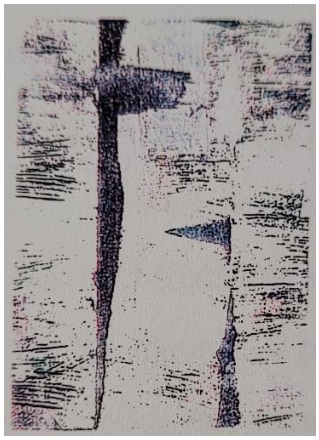


Figura 2 – Sem Título, 1961. José Lima. Gravura em metal em cores, 29,5 x 24. Coleção Francisco Freire. Foto Edilson Oliveira. Catálogo 2º Salão SESC de Gravura, 1998.

Tendo aproveitado as matrizes trabalhadas no âmbito da geometria, o artista começou a recortá-las para sair das formas quadrangular e retangular das matrizes, e a vazá-las no ácido, interessado em dar a ele liberdade de produção de marcas, seus vestígios. O acaso na gestação das formas.

As cores, exploradas em suas relações sensíveis criam a profundidade da gravura, levando o olhar a atravessar as diferentes camadas, resultantes dos tempos diferentes da ação do ácido. Os tons baixos imprimem uma certa gravidade à estampa. Nesta obra, ainda os resquícios de uma ordem racional dialogam com a matéria que se quer hegemônica. Hegemonia que vai acontecer em outras gravuras, onde a matéria expande-se em cor.



Figura 3 - Sem título, 1966, José Lima - gravura em metal (impressão em relevo e água-tinta) P.A. 34 x 26cm In: Gravura Brasileira na Coleção Mônica e George Kornis. Catálogo da Exposição Caixa Cultural Rio de Janeiro, 9 out/nov. de 2007.Ensaio fotográfico: Vicente de Mello. Reprodução fotográfica: Jaime Acioli.

Nesta obra, a cor e a matéria são criantes. A matéria, resultante da ação do ácido, absorve de maneira descontínua a cor. Com os vazamentos, o artista deu início aos relevos que, aos poucos, deixaram de ser coloridos, passando por um tom areia (figura 3), até à fase dos ”relevos brancos”. A precisão das linhas cede lugar às formas cambiantes que capturam nosso olhar em um tempo mais longo de percepção. Uma inquietação plástica ou estética conduziu José Lima a uma especulação técnica fecunda. Revela-se uma energia interior que provoca um tratamento rústico da superfície gravada.

Segue-se outra experiência onde José Lima une a abstração a uma proposta figurativa, motivado pela participação na 3ª mostra temática O Rosto e a Obra, em 1967, na Galeria do IBEU, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Numa nova figuração, a forma do corpo humano que tanto o fascinava ganha espaço. Voltou-se ao desenho de modelo vivo. Contratou um modelo para permanecer deitado numa rede ou em pé em poses descontraídas.

O sentido modular de sua fase concretista ficara por demais impregnado à sua poética. Sempre experimentando outras possibilidades para a gravura, e depois de dominar e esgotar todas as possibilidades de gravar no metal, em 1968, começou a realizar um trabalho no qual soldava arruelas de ferro sobre a chapa de cobre, integrando duas matrizes. (Figura 4) O resultado da impressão das

arruelas na totalidade da superfície funcionava como um fundo para as formas figurativas às quais integrava. Inicialmente retirou a cor nesta série das arruelas, chamadas pela crítica de “gravuras brancas”, só relevos. Estas gravuras iam além da questão gráfica, imprimindo uma natureza plástica à sua obra. O artista afirmava que queria ter sido escultor, tendo em 1968, reproduzido no catálogo de sua exposição na Galeria Tenreiro, uma afirmação de Felix Brunner, em seu Manuel de la Gravure, que emprestava sentido a seu antigo e manifesto desejo: “A confecção de uma placa em cobre, em madeira ou em pedra está mais próxima da escultura do que da pintura. Não é por acaso que a gravura atrai particularmente os escultores.”(BRUNNER, 1975)



Figura 4 - "Sem titulo (Homem)", 1968, José Lima, gravura em relevo, 27,7cm x 19cm.

Esta atitude radical para com o meio expressivo, a impressão sem cor, constituiu um posicionamento singular com dupla consequência para o gravador: este conjunto de trabalhos, chegando ao ascetismo do branco, foi exposto na Galeria Tenreiro, também no Rio de Janeiro, exposição que abriu e fechou, ao mesmo tempo este espaço, pois José Lima não conseguiu vender nenhuma gravura, pois eram somente “relevos brancos”. Tudo acrescentado, nada gravado. José Lima soldava na chapa, em média, quatro mil arruelas.

Por outro lado, com esta exposição, na Galeria Goeldi, em 1968, com quinze gravuras, José Lima ganhou o prêmio de melhor exposição do ano, juntamente com Fayga Ostrower e Anna Letycia, prêmios conferidos aos artistas pela crítica especializada, na mostra RESUMO JB, de 1969.[5]

Sua obra inseria-se numa poética por demais perturbadora para o grande público enquanto era acompanhada com interesse pelos especialistas. Além das arruelas[6], o artista usou grãos de café, o que chegou a ser cogitado pela crítica como um projeto nacionalista. Todavia, José Lima explicou: " A gravura de café ou milho entram em minha gravura como elemento plástico, capazes de determinar um ritmo, nada mais além disso."(LIMA, 1967) (grifo nosso)

Outros artistas como Lygia Pape e Rossini Perez fizeram gravuras nas quais romperam como José Lima, esquemas técnico-formais dominantes. Os três reafirmavam com suas experimentações outras funções para o papel suporte. Em Lygia, a linha gráfica resultado do traço com goivas desaparece em algumas estruturações de sua gravura. Em seu lugar necessitava de uma linha precisa, fruto do intervalo entre os blocos de madeira, deslocando-se neste caso, da ideia de incisão. (figura 5)

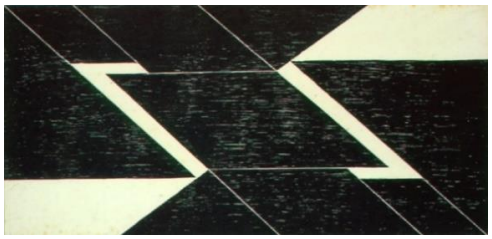


Figura 5 – Tecelares, 1957, Lygia Pape. Xilogravura. Fotografia Fabio Ghivelder / Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro, RJ. http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape

Rossini, por sua vez, solucionou a espacialidade de sua gravura, dos anos 60, com relevos como na gravura de José Lima. Uma espacialidade imaginada, levando o observador à vivência de uma tensão do vazio gráfico, cabendo-lhe adentrar este espaço com sua imaginação.(Figura 6)



Figura 6 – Branca deitada, 1965, Rossini Perez, relevo seco sobre papel, 11,5 x 17,5cm.Catálogo. Foto de Isabella Matheus. In: Rossini Perez: um passante e duas margens/ curadoria Carlos Martins, textos de Carlos Martins e Ivo Mesquita. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013, p. 67.

Nos anos 70, José Lima incorpora a seu trabalho a serigrafia, assim como outros jovens pintores o fizeram, interessados em uma nova figuração alusiva e expressiva, em busca de um imaginário subjetivo, espontâneo.[7] Em Automóvel (Figura 7), obra premiada no Salão dos Transportes/MAM-Rio, em julho de 1969, o gravador mantém sua proposta de relacionar o trabalho modular e o figurativo. Mais uma vez, uma iniciativa decorrente do ímpeto experimental que o mobilizava. Nesta obra, o retorno explícito à questão da bidimensionalidade da superfície impressa é relevante. As cores chapadas traduzem este mundo da tecnologia revelado pelas figuras cultuadas pelo consumo. Não chega a ser uma adesão à *pop art* mas uma aproximação de sua linguagem(situações de sua época) e de seus recursos técnicos.

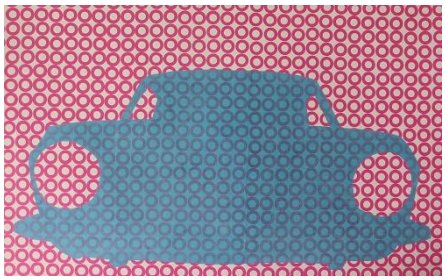


Figura 7 – Automóvel, 1970, José Lima. Serigrafia em cores, 37,8 x 59,6cm Acervo Museu Nacional de Belas Artes / RJ. Foto de José Augusto Fialho Rodrigues.

Desde o final dos anos 60, José Lima explorava o corpo humano, ativado em suas gravuras pelo retorno ao desenho de modelo vivo. Sua participação nas mostras Panorama de Arte Brasileira de 1969, 1971 e 1974, exposições organizadas pelo MAM/SP, é marcada pela abordagem desta temática, reabilitação da linha de incisão.(Figura 8) O corpo sujeito e objeto, obras identificadas pela crítica como fase erótica. Todavia, a nosso ver, os corpos apresentados não trazem a energia do erotismo, uma imaterialidade a banhar a composição em sua economia de traços. Descritos pela crítica como “tímidas sugestões ou velados pudores”.(MAURICIO, 1971)

A síntese formal e as cores se aproximam das imagens próprias do sistema de comunicação de massa, tão a gosto da arte pop.[8] José Lima lança mão de ícones explicitamente urbanos. Da abstração expressiva na qual o artista marcara presença significativa através de gestos e do controle do ácido, José Lima parte para uma obra onde esta presença é abolida face aos elementos mecânicos da reprodutibilidade da serigrafia.



Figura 8 – Gravura A, José Lima, 1974, xilogravura, 75 x 60cm.Participação na mostra Panorama de Arte Brasileira (Desenho e Gravura), MAM/SP, 1974.

O artista participou da mostra Panorama, específica para o desenho e a gravura com quatro xilogravuras nomeadas de Gravura A, B, C e D com igual dimensão:75 x 60cm. A composição destas obras imprime centralidade a corpos, à figura humana, por vezes solitária bipartida com um fundo, contornos que encerram a aplicação plana da cor. A crítica, em sua maioria, identificou estas soluções como “figurações eróticas.”

No primeiro Panorama específico, em 1971, o corpo também foi seu tema. Naquela oportunidade, cinco obras receberam os títulos: Mulher, Homen, Amor, Mulher e Mulher com lençol. (figura 9)

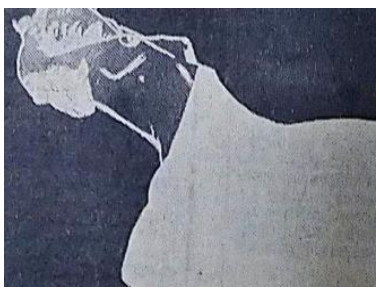


Figura 9 – Mulher com lençol, 1971, José Lima, verniz mole e água-tinta, 76 x 56 cm. Participação na Mostra Panorama de Arte Brasileira (Desenho e Gravura), MAM/SP, 1971.

Desde o seu começo no concretismo até o retorno à figura, nos anos 60, dentro de uma apropriação contemporânea do vocabulário do cotidiano, José Lima contribuiu para afirmar a gravura, em suas diferentes técnicas como lugar de poéticas as mais diferenciadas. Em sua fase concretista, subverteu a tradição, acrescentando à hegemônica via expressionista da xilogravura o tratamento racional das formas. Suas diferentes fases integraram a gravura ao conjunto das artes plásticas brasileiras, e segundo seu entendimento, foram "como as faces com que se chega a uma verdade".

Foi um obstinado pesquisador de técnicas para sua arte. Ensinou gravura por mais de vinte anos, pelo Brasil.[9] Em 1992, ano de sua morte, era o mestre da gravura na Escola de Artes Visuais - Parque Lage, no Rio de Janeiro, desde 1984. Seu impulso para a descoberta/criação de outras possibilidades técnicas para sua expressão, remetem, certamente, de maneira consciente ou não, à orientação inicial de Orlando Dasilva na gravura em metal, no Liceu de Artes e Ofícios/RJ. Este mestre inventou processos de impressão como por exemplo, a papelografia, impressão em relevo. Foi um divulgador da técnica da gravura, sendo de sua autoria alguns dos melhores estudos específicos sobre o assunto, publicados no país. Orlando tornou-se o difusor de gravadores brasileiros em primorosas edições.[10]

Sobre esta permanente pesquisa de soluções para sua obra gravada e a criação de sentidos para cada uma delas, José Lima declarou: [...] Mas nessa busca, será sempre imprescindível deixar o testemunho, uma chancela, algo que garanta ser trabalho próprio." (LIMA, 1968)

José Lima construiu trajetória ambiciosa, conferindo-lhe uma vitalidade experimental, crente na potencialidade da gravura e no exercício da liberdade de afirmá-la como meio expressivo relevante, visualidade de seu tempo.

Referências

ALVARADO, Daisy Valle Machado Peccinini de**. Figurações Brasil anos 60**: neofigurações fantásticas e neo-surrealismo, novo realismo e nova objetividade/ apresentação de Ricardo Ribenboim; prefácio de José Roberto Teixira Leite. São Paulo: Itaí Cultural: EDUSP, 1999.

AMARAL, Aracy (org.) **Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962)**. Rio de Janeiro, MAM-Rio; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.

BENTO, Antonio. Gravura de José Lima, Coluna Artes, **Ultima Hora,** Rio de Janeiro, 22/8/1967.

BRUNNER, Felix. **Manuel de la Gravure**, Arthur Niggli Ltd, Teufen (AR), 5th edition,1975.

DUARTE, Paulo Sérgio: **Anos 60, transformações na arte no Brasil.** Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1998.

FERREIRA, Heloisa Pires & TAVORA, Maria Luisa (orgs.). **Gravura Brasileira Hoje: depoimentos**, Rio de Janeiro: Oficina de Gravura SESC Tijuca, 1996, Vol II.

FRIELAENDER, Johnny e FLOCON, Albert. **Exemplaire** n.1, 1950. (prospecto de divulgação do ateliê de l'Ermitage / Paris.)

LYGIA Pape. In: **Enciclopédia** Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape. Acesso em: 27 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

LIMA, José. José Lima – cor e relevo. In: MORAES, Frederico. Coluna de Artes Plásticas. **Diário de Noticias,** l18/8/1967.

_____. Arte gravada em rodinhas, rodelas e rodões. In: **O Jornal**, 4/12/1968.

MARTINS, Carlos. Rossini Perez: um passante e duas margens/curadoria . **Catálogo** textos de Carlos Martins e Ivo Mesquita. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013.

MATESCO, Viviane. **Corpo, Imagem e Representação**. Jorge Zahar Ed: Rio de Janeiro, 2009.

MAURICIO, Jayme. José Lima, erotismo gravado. In: Linha Cultural, **Correio da Manhã,**15/04/71.

MOSTRA Rio Gravura, Espaço dos Correios, Coleção Mônica e George Kornis. **Catálogo,** Foto: Antonio Caetano Rio de Janeiro, set/out. 1999.

Notas

[1] - LIMA, José. Depoimento à Consultoria crítica da Galeria do BANERJ (Clarival do Prado Valladares) Rio de Janeiro, 23 / 5 / 1981.

[2] - Em 1958, no Salão Nacional de Arte Moderna, recebeu o Prêmio Escolinha de Arte e, em 1962 e em 64, teve Isenção de Júri. Participou da V, VI e IX Bienal de São Paulo. Ganhou o Prêmio de Gravura nos Salões de Abril de 1966 e no II da Esso em 1968. Participou ainda de várias bienais internacionais, entre elas as de Paris, em 1961 e 1967. Em 1975, foi premiado com Viagem ao País pelo Salão Nacional de Arte Moderna, e Viagem ao Exterior pelo 1º Salão Nacional de Artes Plásticas (Palácio da Cultura /Gustavo Capanema), em 1978. Neste Salão, foi montada uma Sala Especial, "de caráter histórico-didático", (por decreto de sua criação de 30/06/1977) na qual foram expostas obras de Carlos Oswald, Oswaldo Goeldi e Raimundo Cela, artistas pioneiros da gravura artística de expressão nacional.

[3] - CORDEIRO, Waldemar. Manifesto Ruptura e demais signatários: Charroux, Geraldo de Barros, Fejer, Haar, Sacilotto e Wladislaw. In: AMARAL, Aracy (org.) Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962). Rio de Janeiro, MAM-Rio; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977, p.69. No Rio de Janeiro, Ivan Serpa

liderava os artistas seduzidos pelas ideias concretistas. Fazendo-os crer que eram um grupo que estava à frente nas pesquisas da arte brasileira, daí o nome dado ao grupo.

[4] - Nestes países, esta exposição circulou por diversas cidades: Basileia, Westfalen , Lever Kusen, Lazio, Roma, Lombardia, Milão, Catalunha, Barcelona, Amsterdam ,Londres, Madri, Ultrech, e Lisboa.

[5] - O Resumo JB foi realizado de 1963 a 1972, no MAM /Rio. Participavam todos os artistas que tivessem realizado exposição individual no Rio de Janeiro, no ano anterior à seleção, exposições institucionais ou de galerias comerciais.

[6] - Neste período, José Lima desempenhava função junto ao setor de Artes Plásticas da Difusão Cultural, no Itamaraty, o que lhe exigia uma carga horária de trabalho das 11h às 19h. Fazia gravura aos sábados e domingos. Por ter pouco tempo para fazer arte, partiu para a gravura modulada e com as arruelas, explicando que tal ideia tornava objetiva a realização de suas obras ou seja, comprava em lojas as pequenas arruelas, aplicando-as sobre a chapa para obter o relevo. Ganhava tempo dizia.Com a gravura modulada conseguia montar dez chapas (dez gravuras) com quatro módulos.

[7] - Sobre o assunto ver: Figurações Brasil anos 60. Daisy Peccinini, EDUSP/Itaú Cultural 1999.

[8] -Sobre o diálogo possível de nossos artistas com a arte Pop, ver DUARTE, Paulo Sérgio: Anos 60, transformações na arte no Brasil. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1998.

[9] -Ensinou gravura em metal ou xilogravura na Escolinha de Arte de Goiânia; na Escola de Belas Artes da UFMG, em Belo Horizonte; na Universidade Federal de Mato Grosso; no Museu Emilio Goeldi, em Belém; em Ouro Preto, no II Festival de Inverno; em Mato Grosso do Sul; no IX Festival de Inverno de Itajaí, em Santa Catarina; no Museu do Ingá, em Niterói.

[10]- Tendo fundado a GRAVURA DE ARTE EDITORA, em 1965, trabalhou no sentido de interessar o amante da arte para o colecionismo.; em 1967, publicou Do Colecionismo: noções; em 1969, Carlos Oswald, o gravador (Catálogo *raisonné).* Manteve-se nesta linha editorial, nos anos 70.